

Pesquisador coleciona 25 mil gravações de aves

Francês montou na Unicamp um dos sete maiores acervos do mundo

JOSÉ MARIA MAYRINK

CAMPINAS - O incêndio que destruiu parte do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, no dia 8, acendeu uma luz vermelha nos laboratórios de outras instituições do País: é preciso armar um sistema seguro para proteger o acervo dos pesquisadores.

Muitos guardam os resultados de seu trabalho em arquivos que se perderiam para sempre, em caso de catástrofes semelhantes.

O alerta partiu do cientista Jacques Vielliard, do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que ao longo dos últimos 30 anos colecionou 25 mil gravações de cantos de aves e pássaros no Laboratório de Bioacústica, um dos sete maiores do mundo. "Temos de fazer cópias de todas as fitas, porque a destruição dos originais seria irreparável", adverte.

De licença na universidade, o pesquisador estava ajudando a mulher, a professora Maria Luísa Malu da Silva, a instalar o Laboratório de Ornitologia e Bioacústica na UFPA para iniciar vários projetos na Amazônia em colaboração com o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Parque Ecológico de Gunma e a Universidade Paris-Sud, na França. O primeiro será uma pesquisa sobre o boto cor-de-rosa na região de Marapanim, a leste de Belém.

"Tivemos um prejuízo material de R\$ 60 mil, pois perdemos um computador de última geração e programas profissionais de tratamento digital dos sons, mas felizmente nenhum documento original", informa Malu, especialista em registro e estudo de vozes da natureza. Será preciso, no entanto, voltar ao local da pesquisa para refazer a marcação dos pontos a serem estudados, porque os dados estavam gravados num equipamento

"Contei com a contribuição de muita gente para documentar a biodiversidade da fauna brasileira, sem capturar as espécies", orgulha-se Vielliard, que se embrenhou pelas matas, anos a fio, para gravar, analisar e catalogar o canto de aves e pássaros.

Foi com ele que Malu, formada em biologia e doutora em neurociência e comportamento, se especializou no estudo das vozes da natureza. Do canto do sabiá-laranjeira, tema de sua tese, a professora partiu para a pesquisa sobre os botos do Pará, cujos sons capta no fundo do rio. "Pela voz, entende-se o comportamento dos animais e isso ajudar a preservar a espécie", diz.

Gravando pássaros, a professora descobriu que os filhotes de sabiás têm de aprender a cantar e nenhum canta igual a outro. "Algumas aves precisam aprender, porque para elas o canto é genético, como no caso do bem-te-vi, mas outras têm de imitar os adultos, às vezes de outras espécies, o que leva ao surgimento de dialetos", observa o biólogo Márcio Ferreira Avelino, assistente de Vielliard e responsável pela manutenção do Laboratório de Bioacústica.

Avelino escolheu o tico-tico para sua dissertação de mestrado. Ao estudar o passarinho em 13 cidades paulistas, chegou à conclusão de que canta diferente na região de Campinas e de Botucatu. São dois dialetos, que ficam bem claros numa linha divisória imaginária, situada entre Piracicaba e Conchas.

Vielliard mostra essa diversidade de sons no mais recente de seus cinco CDs - Vozes das Aves do Brasil -, lançado pela Unicamp com 5 mil cópias. Entre 80 cantos de pássaros brasileiros, o sabiá aparece cinco vezes, com diferentes nomes e variadas

de GPS (geo positioning system) destruído pelo fogo.

Vielliard disse que, após o incêndio, recebeu cartas de apoio de cientistas de várias instituições, que se propõem a fazer cópias do material de pesquisa para evitar futuros danos. Um deles é um pesquisador da Academia Chinesa de Ciências, que se interessa em cruzar dados do boto da Amazônia com os do golfinho de água doce do Rio Amarelo, na China.

"Duplicar os arquivos custa caro, porque se trata de documentos científicos e não se pode fazer cópias caseiras", observa Vielliard, que já tem um projeto para o Laboratório de Bioacústica da Unicamp. O professor apresentou uma proposta à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para regravar em formato digital (DVD) a coleção de fitas de rolo de seu acervo - com investimento inicial de cerca de R\$ 500 mil.

Doutor em ecologia pela Sorbonne, o francês começou a trabalhar na Unicamp em 1978, a convite do reitor Zeferino Vaz, cinco anos após ter viajado pela primeira vez ao Brasil para fazer pesquisas. "Fiz quatro expedições no Sul, no Nordeste e na Amazônia, onde estudei o dançarino cabeça-de-opala (um pássaro de cabeça brilhante como uma pedra de opala) na região do Parque de Gunma", lembra o biólogo, ao contar como se apaixonou pelo Brasil.

Colaboração - Autor de centenas de pesquisas, incluindo a decodificação das vozes das baleias jubarte (descobriu que elas têm dialetos diferentes no Brasil e na Austrália), o professor incentivou outros pesquisadores, profissionais e amadores, que colaboraram para o crescimento de seu acervo.

melodias. Daí a necessidade, aconselha o professor, de identificar com precisão o que se vê e se ouve no mato.

Invenções - Nos primeiros anos de trabalho, o criador do Laboratório de Bioacústica suava muito em suas expedições para captar as vozes. Pesados e desajeitados, os gravadores e microfones tinham de ser transportados às costas, em caixas enormes. Agora está muito melhor, não só porque os fabricantes lançaram modelos mais eficientes e leves, mas também porque Vielliard inventou alguns equipamentos. "Foi o professor quem desenhou e encomendou à fábrica essa parábola acústica, capaz de captar o canto de um pássaro a mais de 50 metros de distância", afirma Avelino, elogiando a eficiência do invento.

Os pesquisadores da Unicamp orientam os caçadores de sons para observação e gravação dos bichos, para que colem informações precisas e úteis. Aparecem gravações de todos os tipos, feitas por profissionais e amadores. "Aves, macacos, grilos, rãs, sapos, baleias, o pessoal grava de tudo e traz aqui para a gente identificar", diz Avelino, sentado diante de aparelhos, arquivos, livros, discos e estampas, em sua sala de 40 metros quadrados. O biólogo identifica, tira uma cópia e devolve o original.

De seu apartamento em Belém, onde ele e Malu começam a reconstruir o que o incêndio destruiu, Vielliard acompanha a rotina do Laboratório de Bioacústica, atendendo pelo telefone e pelo computador seus alunos de pós-graduação. Membro da Academia Brasileira de Ciências, o professor ainda se corresponde com colegas de vários países, para troca de informações científicas.

JOSÉ MARIA MAYRINK

[HOME](#)

BICUDÁRIO CAPIM NAVALHA - COPYRIGHT © 2004
Stênio Anjos Ferreira - Granja Viana - São Paulo - Brasil
Contato: (11) 9934-4963 - www.bicudario.com.br